

Uma desordem emocional na escola: saúde mental em termos etnográficos

ALEF LIMA 

Secretaria da Educação do Estado do Ceará | Pentecoste, CE, Brasil
aleflimaufrgs@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe209841

resumo O tema da saúde mental ganhou projeção no debate público, principalmente, ao incorporar uma discussão sobre a necessidade de competências socioemocionais para vivenciar de modo propositivo o estresse, a frustração e a desigualdade. A proposta deste texto é apresentar uma torção etnográfica ao tema, com base em uma experiência de pesquisa ainda em andamento no contexto de uma escola estadual de educação profissional, na zona rural do Ceará. Em termos gerais, a investigação etnográfica visa interpretar o fenômeno da ansiedade (como denominam os/as discentes) na forma de um processo social de identificação, culpa e sofrimento social que se materializa na escola enquanto um palco agentivo de sociabilidade juvenil.

palavras-chave Etnografia; Escolarização; Saúde mental.

An emotional disorder at school: mental health in ethnographic terms

abstract The issue of mental health became prominent in the public debate mainly by incorporating a discussion on the need for socio-emotional skills to experience stress, frustration and inequality in a purposeful way. The proposal is to present an ethnographic twist to the theme, based on a research experience still in progress in the context of a public school of professional education in a rural area of Ceará. In general terms, the ethnographic research aims to interpret the phenomenon of anxiety (as the students call it) in the form of a social process of identification, guilt and social suffering that materializes at school as an agentive stage of youth sociability.

keywords Ethnography; Schooling; Mental health.

Contexto: a emoção como desordem

Nada parece compor bem a atualidade como a imagem da aceleração, do mundo *in vitro*, da decupagem rápida de luzes e tela que se aninham ao redor de um indivíduo, cujos olhos marejados e vermelhos, quase cansados, quase parando. E mesmo acelerados não conseguem deixar de olhar. No contexto do retorno pandêmico, a vida eletrônica se colocou em prática como uma necessidade inadiável, as telas e os aplicativos foram recompondo um novo cotidiano, aproximados e distantes como o paradoxo do porco espinho. Nesse cenário de “novo normal”, no final de 2021, iniciei meu trabalho enquanto professor na rede básica de ensino, especificamente em uma escola pública de educação profissional na zona rural do Ceará. Naquele momento tudo era híbrido. Dava aula para 12 turmas por meio do Google Meet, três vezes por semana, e elaborava slides, questionários



e209841

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe209841>

de avaliação, dúvidas e exercícios tudo online, até que em 2022, por ocasião de dois decretos estaduais que autorizavam o retorno presencial, pude conhecer analogicamente meus interlocutores, os alunos e as alunas que apareciam para mim como fotos de animês, nomes descontextualizados ou números aleatórios, apenas suas idades eu tinha alguma certeza: estudantes de quinze a dezessete anos.

Sentia uma mistura de sentimentos. O contato social tinha que ser reaprendido, reimaginado, refeito. Por outro lado, resplandecia nos/as estudantes uma euforia geral: o aperto de mão, o abraço. Mesmo com os protocolos sanitários enfatizados pela escola, os/as discentes mostravam-se irresolutos, queriam o toque, ansiosos por verem o outro, como se a sociabilidade fosse então posta em termos de uma necessidade aguda. Ao mesmo tempo, junto com a euforia do reencontro, vinha a desordem: um certo desespero fatalista, imediato, angustiante, que surgia enquanto epifania e retumbava nas relações. Alguns e algumas, bem mais na realidade, queixavam-se de “ansiedade”. Estendiam-se pela sala da coordenação meninos e meninas afetados por uma tristeza iminente. No banheiro, escondidas, as meninas choravam, apregoando apertos no peito e nó na garganta. A pergunta dos professores e da gestão era bem simples: o que estava acontecendo?

Grande alegria e grande angústia. Um mundo recortado em pares no jeito adequado para uma visão binária. Fiquei instigado, não porque nunca vi pessoas em sofrimento, mas pelo contexto que implicava similitude de experiências. A leitura, por parte dos docentes e dos gestores, era que presenciávamos um fenômeno psicológico de histeria coletiva, um domínio humano de crises, multiplicadas por uma dificuldade óbvia de interação e contato. Todavia, como todo bom antropólogo, senti o “beliscão do destino” (à la Geertz). Como pensar aquela experiência ansiosa na forma de um processo social, isto é, quais elementos permitem perspectivar aquela situação recorrente de ansiedade e choro, e tristeza e apertos no peito, enquanto algo não estritamente psicológico e sim culturalmente interligado? Socialmente remetido e, portanto, contextualmente explicável.

Comecei como começa qualquer etnógrafo desde Malinowski: pela ilha, lá no espaço da escola enquanto dimensão específica de socialização, observando as cenas e as situações se construindo em um desenho de repetição; tomei nota. E, depois, passei a convidar os alunos e as alunas para uma entrevista, com um roteiro de tópicos, da casa à escola, perguntava como se sentiam ou como explicavam, narravam o que se passava em meio às crises de choro e de tristeza. A resposta, quase sempre, era fragmentada, entremeada de medo. Talvez porque a pergunta partisse de um docente. Talvez porque considerassem a entrevista algo similar à oferta de uma curta e aleatória escuta psicoterápica. Todavia, vencido o medo inicial, as narrativas dos alunos e das alunas se desdobravam na contextualização de seus sofrimentos. A maioria escondia dos familiares por serem deslegitimados em seus anseios. A fenomenologia de seus sentimentos era seguida de gestos: o peito que aperta era uma mão pressionando o tórax, a sensação de sufoco era posta como uma mão na garganta e em seus processos de pensamento ressoava uma voz moralista que os diminuía e os acusava de fracasso e de falha.

A desordem da emoção

Eu supunha considerar que aquelas sensações e detalhes fenomênicos fossem tão apenas detalhes corporalizados de um luto, de uma necessidade simbólica dada ao corpo de velar e vivenciar as perdas. No entanto, as entrevistas demandavam uma recomposição da minha perspectiva. Os/as discentes marcavam ao dizer: “tudo isso começou antes da pandemia, talvez tenha apenas piorado com ela”. Dados da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), ainda em 2020, apontavam que pré-adolescentes começavam a apresentar sintomas de ansiedade por volta dos 12 anos. Nos depoimentos, as emoções eram imbuídas de um descontrole, desajustadas ao real. Alguns diziam que era isso o mais assustador: “uma emoção em desordem”. Não sabia quem era ou o que sentia, onde estava ou porque estava; as crises de ansiedade despersonalizavam as biografias. Na crise os/as estudantes pareciam desaprender sua singularidade como sujeitos, sem coordenadas culturais, sem tempo e espaço.

Tal aspecto daquela situação me levou a lembrar os argumentos da antropóloga britânica Mary Douglas (2012: 122) em relação à estrutura de classificação e ordenação do mundo em um sistema binário, em que a impureza consistiria no “perigo, bagunça, erro”. Douglas vai além de uma mera descrição de um mundo ordenado em pares opostos e complementares: a razão de sua abordagem é que toda a classificação busca definir uma experiência de modo a organizá-la, dando-lhe um sentido estruturado imbuído de força cognitiva (uma representação mental coerente). Ao classificar, nós percebemos o mundo. Revendo a perspectiva de Douglas com os fatos etnográficos coletados, as crises e sentimentos confusos e ambivalentes relatados pelos/as discentes, considere a possibilidade de que a situação emocional se inscreva em uma desordem – uma mistura de afetos desordenadores do mundo.

Era como se aquela ansiedade exposta em suas narrativas de sofrimento estivesse imbuída de percepções confusas, camadas e camadas de sentimentos não vivenciados ou não expressados acham-se visíveis no chão da escola. Marcel Mauss (1979: 151) assumiu que os sentimentos funcionam enquanto uma linguagem, portanto, tratariam de um modo de comunicação em que a presença - suposta ou real - do Outro seria uma condição de troca, de relação. Ritualiza-se sentimentos como o luto, ou elaboramos como sociedade maneiras de senti-lo ordenadamente com o intuito de comunicar, deixar claro tanto quanto possível o sofrimento causado pela perda. Porém, posso ampliar o olhar de Mauss e pensar que a estrutura afetiva (Bateson, 2004: 180) de um grupo social institui certa cultura de sentimentos. Alguns mais aclamados que outros, alguns mais requeridos como prova de engajamento e participação que outros.

As crises, os choros e toda a corporalização fenomênica dos alunos e alunas naquele período de retorno ao presencial se inscrevia enquanto uma linguagem, um ritual de “sofrimento”, tomando conta do espaço escolar na forma de um palco de representação. Não é válido, no entanto, subsumir que os/as estudantes faziam o que faziam por uma birra, ou frescura, ou algo do gênero. Eles e elas estavam diante de um processo de

identificação. Nas entrevistas relatavam que quando viam alguém tendo uma crise, ou no meio do processo, eles e elas sentiam-se impelidos ao *looping* de gatilhos que os fazia sentir o que o Outro sentia. A situação tinha contornos complexos, a ansiedade partilhava códigos de uma experiência emocional mais ou menos comum de sofrimento. Sentir e partilhar o afeto, produzindo, simultaneamente, uma lógica social de afetação. A pandemia, nesse jogo, potencializava, segundo os argumentos dos/as estudantes, esses afetos angustiantes não bem resolvidos.

De fato, os depoimentos enfatizavam essa partilha implícita de emoções. No entanto, o traço da experiência relatada era escamoteado diante das manifestações corporais agudas que eram sentidas: as dores de cabeça, o zunir do ouvido, o choro compulsivo, a fadiga e o cansaço. Toda a dificuldade que surgia era por conta de uma questão numérica, eram discentes e mais discentes avolumando-se na pequena sala da coordenação ou na secretaria. Sujeitos sentados, cabisbaixos, envergonhados pela sensação e pelos sentimentos sentidos “em desordem”. Vários estavam ali, tão atônitos e duvidosos daquilo que experienciavam, e continuavam esperando um alento por parte dos coordenadores, gestores e secretárias. Contudo, sem formação e tão surpresos quantos os/as alunos e alunas, ofereciam um chá e uma ligação para os pais.

Uma ideia de identificação e ansiedade

Nos relatos sobressai algo mais que a descrição “impura” dos afetos e da corporeidade inerentes à experiência de sofrimento (Csordas, 2008). Consistia no fenômeno da identificação das emoções e na partilha de significantes comuns de ansiedade por parte do/da aluno/aluna. Anne, uma menina de óculos fundo de garrafa, cabelos encaracolados de castanho vívido, foi uma das alunas que pude entrevistar para a pesquisa e que se mostrou solícita ao explicar os gatilhos e como identificava o início de uma crise:

Teve uma vez que eu estava [silêncio] indo pro banheiro, aí eu vi que tinha uma pessoa encostada dentro banheiro só que não estava tão fechada, nem tão aberto, eu vi que quando eu passei a perna dessa menina estava tremendo. Aí eu fiquei só por lá, porque eu estava [excitação] sei lá com medo de a pessoa não querer minha ajuda. Aí eu bati assim na porta depois de vários minutos esperando ela dar algum sinal, pra eu ir lá né, eu bati assim na porta depois de vários minutos assim esperando e falei: “Você quer ajuda, você tá bem?”. Aí ela levantou a cabeça e não falou nada, só balançou a cabeça dizendo que queria ajuda. Aí eu fui lá e dei um abraço. Porque normalmente [excitação] o que eu consigo transmitir que consegue acolher a pessoa é meu abraço ou algum toque, sei lá passar a mão na cabeça, aí eu abracei essa pessoa e quando eu fiquei lá abraçado com ela, tornou um gatilho pra mim. (Anne,

Entrevista 1, 05/05/2022)¹

É incoerente considerar que os gatilhos mencionados parecem feixes de relações corporalizados entorno de memórias manifestadas em cenas, imagens entrecortadas que a fazem reviver um sentimento? Na realidade, Anne e muitos outros alunos falam desses gatilhos como se fossem um botão de dor, que ao mesmo tempo que descarrega uma desordem emocional, produz uma espécie de encontro intersubjetivo. O gatilho é, com respeito a uma reflexão ainda inicial, um dispositivo cultural de determinado *ethos* compartilhado entre aqueles adolescentes. Menos que isso, talvez seja uma forma de subjetivação cujos reflexos ainda não estejam aparentes para mim como etnógrafo.

Considerações finais

A proposta deste curto texto foi situar algumas considerações preliminares sobre os efeitos emocionais do retorno presencial ao fluxo da retomada das aulas em uma escola pública no interior de Ceará. Tomei a reflexão etnográfica como empreitada analítica, sendo professor do ensino médio e também antropólogo, para compor um quadro contextual de formas de sofrimento, desordem de emoções e processos de identificação baseados em uma linguagem afetiva e fenomênica de crises de ansiedade, tristeza e choros. Meus dados ainda não são conclusivos. O projeto de pesquisa que desenvolvo ainda se debruça sobre outros aspectos: neoliberalismo, educação, escolarização e saúde mental enquanto interfaces políticas e simbólicas que se coadunam em estudantes, docentes e gestão pedagógica em diferentes contextos, escalas e sentidos.

Trata-se de um projeto independente, uma espécie de pesquisa exploratória para a construção do meu pós-doutorado. A investigação iniciou-se em maio de 2022 e contou com ajuda da escola que, mediante o termo de anuência, concordou com o projeto e permitiu o início das entrevistas. A projeção no atual momento é aprofundar as hipóteses trabalhadas aqui de maneira a compor uma agenda de temas para problematizar a saúde mental na experiência escolar, revelando aspectos pouco problematizados e desenvolvendo uma abordagem que privilegie as emoções.

Referências bibliográficas

- BATESON, Gregory. 2008. *Naven*: esboço dos problemas sugeridos por um retrato composto realizado a partir de três perspectivas da cultura. São Paulo: EDUSP.
- CSORDAS, Thomas. 2008. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- DOUGLAS, Mary. 2012. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.

¹ O nome é fictício e todos os alunos e alunas participantes assinaram juntamente com os responsáveis um termo de Anuência e Consentimento Livre e Esclarecido para participar do projeto de pesquisa.

MAUSS, Marcel. 1979. “A expressão obrigatória dos sentimentos” (1921). In *Marcel Mauss* organizado por Cardoso de Oliveira, 147-53. São Paulo: Ática.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS. 2022. “OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental em um caso de atenção especial dos governos.” Acessado em Janeiro 20, 2023. <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-deso>.

sobre o autor

Alef Lima

Doutor e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui licenciatura plena em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professor da rede estadual do Ceará. Mantém interesse de pesquisa nas áreas de Teoria Antropológica, Etnografia, Antropologia das Emoções e da Educação.

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Sem financiamento.

Recebido em 25/03/2023.

Aprovado para publicação em: 13/10/2023.